

**DO LITORAL AO BIOMA CERRADO: as cavernas do Parque Estadual Terra Ronca (GO) como atrativo ecoturístico**

**FROM THE COAST TO THE CERRADO BIOME: the caves of the Terra Ronca State Park (GO) as ecoturistic attractive**

**DE LA COSTA AL BIOMA DE CERRADO: las cuevas del Parque Estatal Terra Ronca (GO) como atractivo ecoturístico**

**Paulo Roberto Ferreira de Aguiar Junior**

Doutorando, Mestre e Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.  
Graduado em curso Superior de Tecnologia em Gestão Turística pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG. Especialista em Educação Ambiental pela UFG.  
[paulo.roberto@discente.ufg.br](mailto:paulo.roberto@discente.ufg.br) / <http://orcid.org/0000-0002-8659-9362>

**Ivanilton Jose de Oliveira**

Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP. Pós-doutor pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – IFG. Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade Anhanguera de Ciências Humanas. Diretor do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA/UFG.  
[prf.geo@hotmail.com](mailto:prf.geo@hotmail.com) / <http://orcid.org/0000-0002-2718-6947>

**Recebido para avaliação em 25/08/2020; Aprovado para publicação em 18/12/2020.**

**RESUMO**

O presente texto se propõe a analisar o desenvolvimento do turismo e um de seus segmentos – ecoturismo – na produção de espaços turísticos e seu progresso. O espaço turístico produzido no Brasil foi influenciado pela imagem projetada no início dos anos sessenta, pautando-se nas belas praias brasileiras, bem como no estereótipo da sensualidade da mulher brasileira. Essa imagem originou problemas como o turismo sexual. Contudo, na década de 1990, o Brasil começou a utilizar-se do discurso ambiental, promovido de forma global desde a década de 70 do século XX, para alavancar destinos turísticos ligado à natureza. Diante disso, paisagens como a do bioma Cerrado são “recursos” utilizados pelo ecoturismo para promoção de destinos turísticos. Entre as paisagens cada vez mais procuradas estão as cavernícolas, cujos ambientes são muito sensíveis às atividades antrópicas, tendo no ecoturismo uma preocupação a mais. Busca-se, então, a equalização entre a atividade ecoturística e a conservação desses ambientes que, no caso de Goiás (GO), inserem-se em um bioma que é o 2º maior em degradação ambiental no Brasil.

**Palavras-chave:** Ecoturismo; Cerrado; Unidade de Conservação; Cavernas.

**ABSTRACT**

This paper proposes to analyze the development of tourism and its segment - ecotourism - in the production of tourist spaces and their progress. The tourist space produced in Brazil was influenced by the image projected in the early sixties, based on the beautiful Brazilian beaches, as well as the stereotype of the sensuality of Brazilian women. This image gave rise to problems such as sex tourism. However, in the 1990s, Brazil began to use environmental discourse, promoted globally since the 70s of the 20th century, to leverage tourist destinations linked to nature. Therefore, landscapes such as the Cerrado biome are “resources” used by ecotourism to promote tourist destinations. Among the increasingly sought-after landscapes are cave dwellings, however, this

landscape is very sensitive to anthropic activities, with ecotourism being an additional concern. We seek, then, the equalization between the ecotourism activity and the conservation of these environments that, in the case of Goiás (GO), are inserted in a biome that is the 2nd largest in environmental degradation in Brazil.

**Keywords:** Ecotourism; Cerrado; Conservation Unit; Caves.

### RESUMEN

Este texto propone analizar el desarrollo del turismo y su segmento - ecoturismo - en la producción de espacios turísticos. El espacio turístico producido en Brasil fue influenciado por la imagen proyectada a principios de los sesenta, basada en las hermosas playas brasileñas, así como el estereotipo de la sensualidad de la mujer brasileña. Esta imagen generó problemas como el turismo sexual. Sin embargo, en la década de 1990, Brasil comenzó a utilizar el discurso ambiental, promovido a nivel mundial desde la década de los 70 del siglo XX, para aprovechar los destinos turísticos vinculados a la naturaleza. Por tanto, paisajes como el bioma del Cerrado son “recursos” que utiliza el ecoturismo para promover destinos turísticos. Entre los paisajes cada vez más buscados se encuentran las viviendas cueva, sin embargo, este paisaje es muy sensible a las actividades antrópicas, siendo el ecoturismo una preocupación adicional. Buscamos, entonces, la equiparación entre la actividad ecoturística y la conservación de estos ambientes que, en el caso de Goiás (GO), se insertan en un bioma que es el segundo más grande en degradación ambiental en Brasil.

**Palabras clave:** Ecoturismo; Cerrado; Unidad de Conservación; Cuevas.

---

## INTRODUÇÃO

A afirmação de que o Turismo é um fenômeno complexo e capaz de promover o crescimento econômico de um núcleo receptor é quase um mantra para aqueles que desejam que essa atividade seja desenvolvida de forma rápida em suas localidades. No entanto, há diferentes espaços a serem ocupados pelas atividades turísticas e distintos elementos a serem estudados para sua efetivação. Diante de tantos elementos a serem explorados pelo turismo, o que tem relação com a natureza e suas formas é o segmento que mais cresce no mundo (UNWTO, 2020). Diante dessa afirmação, as ocupações tradicionais são chamadas a desempenhar novos papéis nos quais a preocupação com os elementos naturais tem um protagonismo que outrora não tivera.

Para a consolidação, ou pelo menos para o destaque do turismo ligado à natureza, houve uma trajetória para uma conscientização conservacionista ocidental, que pode ser outorgada às expedições a regiões “selvagens” ou a marcos legais como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, em 1972. Ou até mesmo pelo livro *Silent Spring*, de Rachel Carson, que remete a 10 anos antes da conferência de Estocolmo. Nesse sentido, a marcação de tempo, a periodização, é fundamental para entender o processo de especificidades do discurso ambiental. Ademais, é preciso entender as transformações espaciais, principalmente a urbana, que leva a procurar ambientes que atenuem os problemas advindos a urbanização.

Entre os segmentos do turismo ligados à natureza para atender às demandas criadas pelos discursos ambientais, bem como às adversidades oriundas das cidades, o Ecoturismo aparece como o segmento que atende aos anseios tanto por parte do *trade* turístico<sup>1</sup> quanto do Estado. Entretanto, os conceitos apresentados de Ecoturismo, que ora é visto de forma concisa em seus atributos, ora de forma complexa, são algo a se debruçar, pois a ideia de Ecoturismo pode ser mais uma forma de esverdear o turismo de massa diante de uma sociedade cada vez mais espetacularizada (DEBORD, 1997), ou dar o selo eco para uma atividade que pode provocar impactos ambientais negativos.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo propor a discussão da prática do ecoturismo em ambientes frágeis no bioma Cerrado, aos olhos do arcabouço científico da Geografia, que trará uma abordagem acerca da visitação em cavernas. Para alcançar o objetivo proposto, utilizou-se como metodologia a periodização, que “constitui um avanço na busca desta união espaço-tempo” (SANTOS, 1996, p. 10). A periodização apresenta a possibilidade de uma análise através do movimento do conjunto, isto é, do todo, assim podendo reconhecer as práticas de seu tempo que é tarefa necessária para compreensão do todo. A escala geográfica que coaduna com a análise temporal proposta por Santos (1996). As metodologias escolhidas visam compreender as modificações temporais promovidas pela atividade turística, pois o processo de turistificação não atinge por igual os diferentes espaços.

## METODOLOGIA

Este trabalho se alicerça em três etapas de execução. O primeiro é o levantamento bibliográfico acerca do tema: para que se possa realizar a análise do desenvolvimento Turismo, Ecoturismo e Espaço para consolidação de espaços turísticos. A periodização como metodologia analítica foi fundamental para entender a consolidação dos espaços turísticos. A ideia de periodização “constitui um avanço na busca desta união espaço-tempo” (SANTOS, 1996, p. 10).

A periodização como metodologia de investigação, permite encontrar, através da História, seções de tempo em que “comandado por uma variável significativa, um conjunto de variáveis que mantém um certo equilíbrio” (SANTOS, 2014, p. 38). Assim, espera-se encontrar nessa metodologia marcadores de tempo que auxilie uma análise coerente com as

---

<sup>1</sup> São organizações privadas e governamentais atuantes no setor de “Turismo e Eventos” como os hotéis, agências de viagens especializadas em congressos, transportadoras aéreas, marítimas e terrestres, além de promotores de feiras, montadoras e serviços auxiliares (tradução simultânea, decoração, equipamentos de áudio visuais, etc. Disponível em: <<http://dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ações de cada período. Exigir que o Ecoturismo tenha o mesmo êxito que em outros países, é desconsiderar os marcadores temporais de desenvolvimento deste segmento. O que não significa que não se pode ter como exemplos estruturas e formas desenvolvidas em outros espaços.

Ademais, à escala mundial, “pode-se dizer que cada sistema operacional coincide com um período histórico” (SANTOS, 2014, p. 37). Há de se qualificar a escala, pois não se deve analisá-la de forma apartada do sistema que a produz. Isto também significa dizer os discursos ambientais que, com mais vigor, surgiram no século XIX não foram considerados por todos. Santos (2014, p. 51) julga que “cada sistema existe uma combinação de variantes de diferentes escalas e períodos de tempo, cada sistema transmite elementos”. Desta forma, é acertado dizer que narrativas globais são “entendidas” de diferentes formas e em diferentes escalas, mesmo que orientações sejam objetivas, como as realizadas pelos marcos ambientais globais.

O segundo passo foi a pesquisa em *sites* para obter os dados socioeconômicos como os disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE](#)), bem como o Instituto Mauro Borges ([IMB](#)). Outros bancos de dados para a questão ambiental (Cerrado) e as Unidades de Conservação foram consultados, entre eles o *site* oficial do [Ministério do Meio Ambiente](#) e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária ([Embrapa](#)). Também foi realizada pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas ([Cecav](#)). Além dos materiais relacionados ao socioeconômico e ambiental, também foi trabalhado com dados do Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás (Sieg) para *downloads* de *shapefiles* e trabalho no *software* ArcMap 10.1 para produção dos produtos cartográficos.

Por último, foram feitas análises exploratórias, no ano de 2018, nos meses de março e julho, para verificação de materiais vinculados ao município de São Domingos (GO), Parque Estadual Terra Ronca (GO) e às duas Cavernas objeto deste trabalho: Terra Ronca I e Angélica. Esta parte da metodologia consistiu em produzir registros fotográficos das cavernas, principalmente das geoformas sensíveis como as estalactites e estalagmites, bem como observar se havia danos causados por ações antrópicas. Para além das observações acerca das cavernas mencionadas acima, a análise exploratória, também, teve como objetivo observar a infraestrutura do PETeR, ou seja, se há apoio para a atividade ecoturística, já que o turismo é um dos usos que se propõem para algumas Unidades de Conservação de Proteção Integral, caso do Parque Estadual Terra Ronca.

## **MARCADORES DE TEMPO E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS: contribuição para criação e consolidação de espaços turísticos**

O estudo sobre a atividade turística se mostra cada vez mais necessário, visto que esse fenômeno multifatorial e complexo promove tanto impactos positivos como negativos nos núcleos receptores onde é desenvolvido. Esses estudos podem ter marcadores temporais como os apontados por Barreto (2003), no campo do turismo. Nos estudos geográficos, também, tem-se o tempo como marcador de análises de transformações espaciais, como aponta Santos (2014), que pode auxiliar nos estudos turísticos, principalmente quanto às transformações socioespaciais. Vale ressaltar que Santos (2014, p. 38) afirma que a “escolha de períodos, ou sistema de modernização, é fruto de um critério arbitrário”.

Para a análise integrada entre Geografia e Turismo, partir-se-á do período do Turismo moderno (século XIX) e do período da Revolução Industrial (1750-1870), entendendo que ambos convergem para as transformações socioespaciais. Para Fridgen (1990) e Barreto (2003), o desenvolvimento tecnológico que surgira a partir desse período propiciou o desenvolvimento do transporte em massa das pessoas e, por conseguinte, novos espaços foram conhecidos por um grupo maior de indivíduos.

O turismo desse período, marcado pelas inovações tecnológicas e pelo desenvolvimento de transporte de massa, como aponta Barreto (2003, p. 52),

[...] esteve marcado pelo trem em nível nacional, e pelo nível internacional. A sociedade toda esteve marcada pelas consequências desta melhora nos transportes nas áreas de comércio, indústria, serviços e na relação na mão de obra. As pessoas deixaram de trabalhar na terra e passaram a fazê-lo nas indústrias de manufatura, depois nos transportes, especialmente na ferrovia e, finalmente, no setor terciário ligado à navegação. Apareceu uma classe média que passou a ter cada vez melhores salários, podendo pagar por entretenimentos.

Nota-se que o aparecimento de uma classe média está ligado ao desenvolvimento tecnológico, que impulsiona novas formas de consumo e transformações espaciais. Santos (2004, p. 41) relembra que a “aplicação de novas tecnologias e novas formas de organização” fez com que as cidades não sofressem tanto com a desertão da população aterrada na zona rural. Dessa forma, o ímpeto para a crescente urbanização não foi arrefecido pela falta de alimentos necessários para a população trabalhadora da cidade, sendo que era possível trazer os alimentos de outras localidades, muitas vezes bem distantes.

Assim, “a Inglaterra se converteu na maior potência da época porque possuía, então, a mais avançada tecnológica, que lhe permitia uma maior acumulação de capital, muito maior que a dos outros” (SANTOS, 2004, p. 41). Dessa maneira, pode-se atribuir não somente esse período como marco temporal para o desenvolvimento do turismo, mas também a organização desse espaço como modulador dos processos socioespaciais, como a industrialização e a urbanização.

Contudo, a exportação de modelos espaciais precisou se adaptar às particularidades e às demandas locais. Assim, foram criados subsistemas para atender às demandas locais, pois este também possui suas regras próprias ao modo de produção dominante. Santos (2004, p. 26) ressalta que “cada sistema funciona em relação ao sistema maior como um elemento, enquanto ele próprio seja desdobrado em subsistemas”.

Nessa perspectiva de avaliar os espaços produzidos pelas formas de produção que, por conseguinte, produzem espaços geográficos e espaços turísticos por meio de sistemas e subsistemas que se organizam para atender determinada demanda de um mercado, a teoria produzida por Santos (1979), dos espaços divididos, que aborda a questão da urbanização, também pode ser utilizada para indução de espaços turísticos e como esses espaços são consumidos. “As atividades do circuito inferior e do circuito superior estão baseadas nas diferenças de tecnologia e de organização” (SANTOS, 1979, p. 33).

O modelo de desenvolvimento e modernização dos transportes no Brasil, que influencia até hoje o planejamento turístico, pode ser um exemplo de como a indução de um circuito superior acarretou uma demanda comercial, estabelecendo como os espaços seriam desenvolvidos, bem como se daria o deslocamento nesses espaços. O automóvel foi, na década de 1950, no país, o grande mote de desenvolvimento e modernização em detrimento de outros transportes como ferrovia e hidrovias, como aponta Brandão (2011). Netto e Trigo (2001, p. 92) afirmam que:

O Brasil optou, na década de 1950, por uma lógica de transporte terrestre rodoviário. Ao lado das montadoras de automóveis, vieram as refinarias de petróleo, plantas de autopeças e pneumáticos, rodovias e projetos de interligação nacional por meio de grandes estradas. Um ícone fracassado dessas promessas, no tempo da ditadura militar, foi a rodovia Transamazônica. Hoje, com exceção do Estado de São Paulo e de poucos trechos rodoviários em boas condições em outros Estados, a maioria da malha rodoviária do País está obsoleta ou semidestruída. Não há ferrovias interestaduais, as ligações fluviais e muitos portos são precários, inclusive seus terminais de passageiros.

A ocupação dos espaços e a sua produção, com sua infraestrutura, repercutem nas políticas públicas que influenciam o desenvolvimento do espaço turístico. Nesse sentido, Cruz (2000, p. 9) afirma que:

[...] a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo que se leva a cabo no lugar. À política pública de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientam o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera da política pública como no que se refere à iniciativa privada. Na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses particulares.

Há de se fazer uma reflexão acerca da citação de Cruz (2000) aos olhos de Santos (1979), que reflete diretamente sobre as políticas públicas voltadas para o turismo. Até que ponto essa negligência é orgânica ou induzida pelo circuito superior? A reflexão se faz necessária entendendo que o espaço se tornou uma mercadoria universal. “Como todas as frações do território são marcadas doravante, por uma potencialidade cuja definição não se pode encontrar senão *a posteriori*, o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica” (SANTOS, 2006, p. 26).

Oliveira (2010, p. 49) chama a atenção para o desenvolvimento do turismo litorâneo que, entre outros motivos, segue o padrão de ocupação territorial brasileiro, localizando-se próximo a grandes centros populacionais. Outro motivo para o desenvolvimento da atividade turística na porção litorânea do Brasil é a imagem do sertão apresentada por Cruz (2000, p. 11), que faz uma contraposição com as ocupações espaciais:

A natureza hostil do sertão nordestino contrapõe-se, em se tratando de turismo, à natureza paradisíaca<sup>2</sup> do litoral da região. Se de um lado essa natureza é um **problema**, de outro configura-se como solução. Mais uma vez, de qualquer modo, é a natureza que está orientando as políticas regionais de desenvolvimento para o Nordeste (Grifo nosso).

Para além da visão controversa acerca da natureza interiorizada do Brasil, ou seja, de regiões afastadas da franja litorânea, têm-se também outros elementos que merecem destaque, entre eles o que Debord (1997, p. 13) chama de sociedade de espetáculo, onde “tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. Essa representação se materializa em espetáculos que o mesmo autor (1997, p. 14) diz “não ser um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

Debord (1997) traz um debate atemporal por se tratar de uma transformação social impulsionada pelos meios de produção e pela dominação econômica. Nesse sentido, Debord (1997, p. 18) afirma que:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do **ser** para

<sup>2</sup> Para entender a vinculação da ideia acerca de natureza paradisíaca, ler AOUN, Sabáh. Paraíso à vista – os jardins do éden oferecidos pelo turismo: In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-45.

o **ter**. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do **ter** para o **parecer**, do qual o “ter” efetivo deve extrair seu privilégio imediato e usa função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela.

Ao nortear-se pelo pensamento de uma sociedade espetacularosa, espaços turísticos como o litoral tornam-se vitrines de corpos, exposição de um padrão de beleza impetrado por modelos que fazem com que indivíduos se tornem reféns de indústrias como a da estética. O “espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p. 25). Assim, espaços turísticos vão se perpetuando por meio de heranças colonizadoras, de políticas públicas voltadas para o turismo litorâneo, bem como para a espetacularização que o turismo pode promover. Pode-se acentuar, assim, o abismo entre o circuito superior e o circuito inferior, mesmo que “a unidade irreal que o espetáculo proclama é a máscara da divisão de classes a qual repousa a unidade real do modo de produção capitalista” (DEBORD, 1997, p. 47). A ocupação do mesmo espaço não significa o consumir da mesma forma.

Ressalta-se que a provocação a respeito da sociedade do espetáculo em relação ao turismo não se dá por meio de crítica à exposição do turista, e sim pela maneira como essa sociedade promove alguns espaços turísticos em detrimento de outros. Isso ocorre em virtude “da celebração do objeto na publicidade e [d]as centenas de mensagens diárias emitidas pelos *mass media*” (BAUDRILLARD, 2018, p. 13). Na fenomenologia do consumo, como aponta Baudrillard (2008), as condutas das relações sociais articulam os objetos de consumo que se condicionam no tempo-espaço.

As relações entre as organizações socioespaciais por meio de múltiplos olhares que repercutem no espaço turístico fazem com que novos espaços turísticos sejam criados sem, muitas vezes, o devido planejamento. Um dos segmentos que mais pode contribuir de forma negativa é o ligado à natureza. Entre eles, pode-se citar o Ecoturismo, que é o segmento que mais cresce no século XXI (UNWTO, 2020).

## **ECOTURISMO COMO POSSÍVEL PROTAGONISTA NA PRODUÇÃO ESPACIAL NO CERRADO GOIANO: São Domingos (GO)**

O ambiente natural é fundamental para o desenvolvimento do ecoturismo, que tem seu foco nos aspectos abióticos e bióticos. O Ecoturismo, como aponta Furlan (2003, p. 49), “é um conceito polissêmico onde o campo da análise econômica e ecológica se

aproximam. No Brasil nasceu primeiro como atividade associada à Educação Ambiental. Isto dentro de uma forte influência dos movimentos ambientalistas”.

Discursos ambientalistas alicerçaram uma conscientização voltada para uma racionalização do uso dos recursos naturais. Pode-se ter como marcador temporal a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972.<sup>3</sup> Entre as orientações propostas pelo encontro está:

**Princípio 4:** O homem tem a responsabilidade especial de preservar e administrar judiciosamente o patrimônio da flora e da fauna silvestres e seu habitat, que se encontram, atualmente, em grave perigo devido a uma combinação de fatores adversos. Consequentemente, ao planificar o **desenvolvimento econômico**, deve-se atribuir importância à conservação da natureza, incluídas a flora e a fauna silvestres.

De acordo com o princípio 4 da Conferência de Estocolmo, pode-se inferir que, a partir desse período, a busca pela união da conservação ambiental e a geração de renda seria o norte a ser seguido. Contudo, era necessário equacionar o discurso liberal, travestido de modernizador, que não coaduna com a proteção ambiental ou que promoveu uma ideia de economia *vs* meio ambiente.

Diante da polarização das discussões acerca da utilização de recursos naturais, o turismo ligado à natureza, principalmente o Ecoturismo, parece atender ambas as demandas, já que, para Furlan (2003), esse segmento do turismo converge o pensamento ecológico e econômico. Sabendo-se que o “ecoturismo é uma importante estratégia alternativa de desenvolvimento por poder vincular a geração de receita local diretamente com as iniciativas conservacionistas” (NEIL; WEARING, 2001, p. 34).

Vale ressaltar que o termo Ecoturismo “apareceu, pela primeira vez, em 1984 e foi conceituado, tal como o conhecemos hoje, por Ceballos-Lascurain, em um documento intitulado O futuro do Ecoturismo” (CARVALHO, 2005, p. 5). Assim, tem-se cada vez mais a consolidação e institucionalização da utilização dos recursos naturais como elementos a serem explorados por setores econômicos que ao mesmo tempo possuem, ou pelo menos deveriam possuir, como principal objetivo a conservação ambiental. Mesmo que o conceito sobre o ecoturismo seja polissêmico, ele sempre terá como foco os elementos: sustentabilidade, conservação ambiental e geração de renda. Segundo Brasil (2010), o Ecoturismo:

---

<sup>3</sup> Em 1972, a ONU convocou a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia). O evento foi um marco e sua Declaração final contém 19 princípios que representam um Manifesto Ambiental para nossos tempos. Ao abordar a necessidade de “inspirar e guiar os povos do mundo para a preservação e a melhoria do ambiente humano”, o Manifesto estabeleceu as bases para a nova agenda ambiental do Sistema das Nações Unidas. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

[...] é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Mesmo que haja uma discussão acerca do conceito ecoturístico, é certo que esse segmento turístico, ou seu planejamento, busca o impacto mínimo aos núcleos receptores. Neil e Wearing (2001, p. 42) afirmam que o “planejamento do ecoturismo é, em geral, identificar as principais questões que podem afetar seu desenvolvimento e gerenciamento, além de desenvolver políticas e programas para ajudar a tornar a indústria mais sustentável”.

Via de regra, já existe planejamento do ecoturismo no âmbito nacional, ou seja, diretrizes e deveres para o desenvolvimento que giram em torno do meio ambiente natural e socioeconômico. Contudo, mesmo que haja diretrizes nacionais para o desenvolvimento do Ecoturismo, é certo que o planejamento desse setor se desmembre em outros subsistemas de ação, pois os recursos naturais a serem explorados por ele possuem particularidades de acordo com o desenvolvimento ambiental. Pode-se citar, como exemplo, o bioma Cerrado.

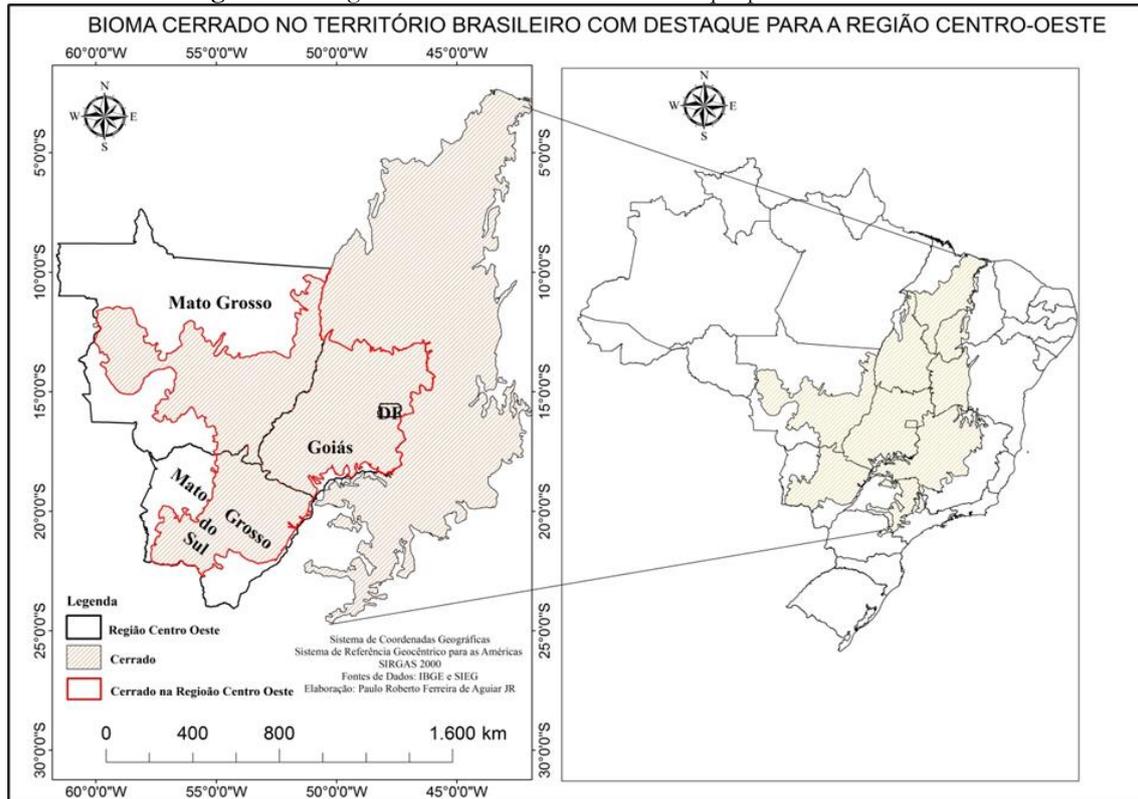
O Cerrado vem sofrendo perdas significativas em sua área para as pastagens, a monocultura e a exploração de minérios. O Bioma Cerrado, que possui uma grande diversidade de fitofisionomias, é um dos cinco grandes biomas do Brasil e destaca-se como a segunda maior forma vegetal do País (ICMbio, 2017). Aguiar (2019) apontam que a “savana brasileira também é considerada um *hotspot*<sup>4</sup> mundial, sendo um dos biomas mais ricos e ameaçados do mundo”.

A distribuição espacial do Cerrado vai além do Centro-Oeste, mas sua área core está no coração do Brasil, ocupando todo o território do estado de Goiás (Figura 1).

---

<sup>4</sup> O termo *hotspots* é utilizado para designar lugares com grande riqueza natural e elevada biodiversidade, mas que, no entanto, encontram-se ameaçados de extinção ou passam por um corrente processo de degradação.

Figura 1 – Imagem do Bioma Cerrado com destaque para o Centro-Oeste.



Elaboração: Aguiar, 2019.

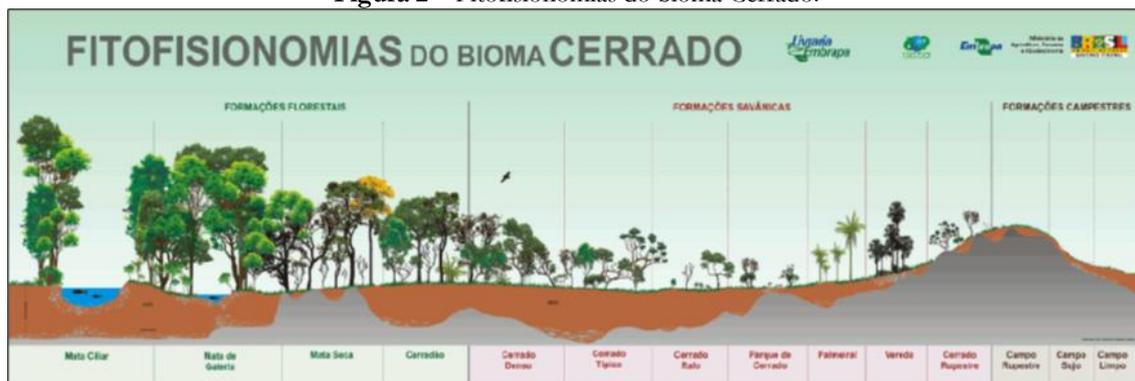
A vegetação do bioma Cerrado possui uma grande diversidade, que engloba formações florestais, savânica e campestre, sendo que a “floresta representa áreas com predominância de espécies arbóreas, onde há formação de dossel, contínuo e descontínuo”, com apontam Walter et al. (2008, p. 94).

A origem das formações florestais pode ser explicada por meio de fatores temporais e espaciais, como explicam Walter et al. (2008 p. 95),

[...] fatores temporais (tempos geológico e ecológico) e espaciais (variações locais) são responsáveis pela ocorrência das formações florestais do bioma Cerrado. Na escala temporal, grandes alterações climáticas e geomorfológicas teriam causado expansões e retrações das florestas úmidas e secas da América do Sul, que no Brasil hoje estariam representadas respectivamente pelas Florestas Amazônica e Atlântica, e pelas florestas semidecíduas e decíduas da Caatinga e Florestas Meridionais.

Chama-se a atenção para as formações florestais por entender que elas fogem à compreensão de parte da população quando se pensa em Cerrado, principalmente as florestas mais fechadas. Assim, formações florestais como as savânica e campestre possuem as seguintes fisionomias (Figura 2):

Figura 2 – Fitofisionomias do bioma Cerrado.



Fonte: Embrapa, 2008.

Além da diversidade das fitofisionomias citadas, a compartimentação morfológica do bioma Cerrado, no estado de Goiás, chama a atenção, sendo que Nascimento (1991, p. 6) as identifica como:

- PLANALTO CENTRAL GOIANO

- . Planalto do Distrito Federal
- . Planalto do Alto Tocantins-Paranaíba
- . Planalto Rebaixado de Goiânia
- . Depressões Inter montanas

- PLANALTO SETENTRIONAL DA BACIA DO PARANÁ

- . Planalto de Caiapônia
- . Planalto de Rio Verde

- PLANALTO DO DIVISOR SÃO FRANCISCO/TOCANTINS

- . Patamares do Chapadão

- DEPRESSÃO DO TOCANTINS

- . Vão do Paranã
- . Depressão dos rios Maranhão/Santa Tereza

- DEPRESSÃO DO ARAGUAIA

- . Depressão do rio Araguaia
- . Planície do Bananal

Há uma expressiva “predominância de forma denudacional[,] que ocup[a] 98,03% de suas superfícies (346.882 km<sup>2</sup>)” (GOIÁS, 2006, p. 21). De todas essas formas de relevo apresentadas, na Depressão do Tocantins, onde estão as geoformas de origem calcárias, no Vão do Paranã, situa-se o município de São Domingos (Figura 3), que fica no nordeste goiano.

O Produto Interno Bruto (PIB) desse município foi de R\$ 10.845,15, em 2014, e seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi de 0,597, figurando entre as últimas posições nesse *ranking*; a capital, Goiânia, tem 0,799 de um total de 1, tendo uma nota de desenvolvimento humano muito alta (IBGE, 2017).

Figura 3 – Município de São Domingos-GO.



Elaboração: Aguiar, 2019.

O município, assim como outros da região do nordeste goiano, sofreu com a falta de investimento ao logo da ocupação do bioma Cerrado, no estado de Goiás. Barreira (2002) aponta que essa região está vinculada à ideia de ser o “corredor da miséria” de Goiás. Contudo, esse município, como aponta Aguiar (2019, p. 17),

[...] assenta sobre relevo cárstico, no qual a rede de drenagem aproveita as falhas e fraturas para formar as grutas, principalmente no Grupo Bambuí – Formação Lagoa do Jacaré e na Formação Sete Lagoas. Exemplo dessa forma de relevo fica na Reserva Extrativista Recanto das Araras de Terra Ronca (Resex), onde se localiza o Parque Estadual Terra Ronca<sup>5</sup> (PETeR)

Esses aspectos físicos apontados por Aguiar (2019) fazem com que o município possua geoformas de grande valor cênico, principalmente as cavernas do PETeR, cujo valor cênico pode ser transformado em valor econômico quando explorado pelo

<sup>5</sup> “Art. 1º - É criado o Parque Estadual de Terra Ronca, no Município de São Domingos. Art. 2º - O Parque Estadual de Terra Ronca destina-se a preservar a flora, a fauna, os mananciais e, em particular, as áreas de ocorrência de cavidades naturais subterrâneas e seu entorno, existentes no Município de São Domingos, protegendo sítios naturais de relevância ecológica e reconhecida importância turística”. Disponível em: <[http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina\\_leis.php?id=5399](http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_leis.php?id=5399)>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ecoturismo.<sup>6</sup> Contudo, a exploração das cavernas deve ter cuidados específicos para sua utilização como atrativo ecoturístico.

### **Cavernas de São Domingos (GO)**

O termo carste (*Karst*), como aponta Carvalho Junior et al. (2008, p. 185), “é oriundo da região do Carso (em esloveno, Kars), localizada no sudoeste da Eslovênia até o nordeste da Itália, formada por rochas carbonáticas”. As cavernas possuem dimensões e formas variadas e são formadas principalmente em rochas carbonáticas, contudo, podem se desenvolver, também, como apontam Lobo e Boggiani (2013, p. 192), “em arenitos, quartzitos e formações férreis”.

Nunes (2011) diz que a prática do turismo em cavernas calcárias é constante, pois elas possuem uma morfologia característica, oriunda de dissolução de rochas calcárias. A mesma autora (2011, p. 5) explica que “água da superfície é absorvida pelo calcário em quantidades moderadas e acumuladas nos vazios subterrâneos das superfícies”. Cecav (2020) explica como os espaços vazios nas rochas vão sendo modelados pela ação de soluto a partir da fórmula  $H_2O$  (Água) +  $CO_2$  (Dióxido de Carbono)  $\Rightarrow H_2CO_3$  (Ácido carbônico);  $H_2CO_3$  (Ácido carbônico) +  $CaCO_3$  (Carbonato de Cálcio)  $\Rightarrow Ca(HCO_3)_2$  (Bicarbonato de Cálcio).

As cavernas são um ambiente frágil, onde um delicado ecossistema interage. Para Cecav (2020), “os organismos vivos (parte biológica) e os recursos abióticos (ar, rocha e água) agem de maneira harmônica e equilibrada, favorecendo que a reciclagem de nutrientes entre os componentes seja evidenciada a cada momento”. O uso de capacetes com carburetos na exploração de cavernas, por exemplo, utilizados também pela atividade ecoturística, provoca a concentração de gás carbono na atmosfera do ambiente de caverna e promove danos a esse ambiente, como explicam Rocha e Galvani (2018).

Muitos dos problemas oriundos de ações antrópicas surgem em função de não haver um protocolo para a utilização da caverna a ser visitada. Ações incompatíveis, como limitação de tempo e de pessoas, influenciam na conservação desses ambientes. Tibiriçá (2013, p. 141) afirma que “cavidades naturais que se encontram isoladas, o estudo privilegia e age com tendências de fazer com que as cavidades continuem assim, voltadas apenas para o conhecimento de quem as estudou e de certa forma sua preservação é praticamente garantida”.

---

<sup>6</sup> Utilizar-se-á Ecoturismo, e não espeleoturismo, pela amplitude do conceito.

Oliveira e Spoladore (2009, p. 167) contam que “o patrimônio espeleológico brasileiro, apesar de estar bem protegido, continua sofrendo impactos provenientes das visitas sem controle”. Nunes (2011, p. 7) expõe que “o turismo de massa desenvolvido em grutas às vezes acontece sem as mínimas condições preservacionistas dos espeleotemas.<sup>7</sup> As distinções das práticas do turismo vão influenciar no estado de conservação das cavernas”.

Uma importante observação a ser feita sobre a utilização de cavernas com objetivo turístico é identificar quais podem ser utilizadas para esse fim. Figueiredo (2016, p. 66) informa que “a Hungria possui dez cavernas turísticas, [...] entre as cavernas de mais antiga visita são a Caverna de Baradla e a Caverna Anna, descobertas e com visita desde o início do século XIX”. O mesmo autor (2016) ainda fala do território australiano e do uso de cavernas como atrativo turístico, citando a caverna Jenolan Cave, na qual há visita desde 1838; nela foi testada uma instalação elétrica. Também são citadas cavernas na China e nos Estados Unidos.

No Brasil, tem-se cavernas turísticas (Tabela 1) em unidades de conservação, nas quais, *a priori*, deveria haver plano de manejo.

**Tabela 1** – Distribuição estimada das cavernas turísticas em unidades de conservação brasileiras

| Estado | Cavernas turísticas | Unidades de Conservação (exemplo)                        |
|--------|---------------------|--|
| SP     | 32                  | Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira,               |
| MG     | 51                  | Parque Nacional do Peruçu                                |
| BA     | 15                  | Parque Nacional da Chapada Diamantina                    |
| PR/SC  | 10                  | P.E Campinhos. P.E Vila Velha                            |
| MS/MT  | 10                  | P. N. da Serra da Bodoquena, P. N. Chapada dos Guimarães |
| GO     | 8                   | Parque Estadual Terra Ronca                              |
| CE     | 1                   | Parque Nacional Ubajara                                  |
| Outros | 21                  | Diversa  |

Fonte: Adaptado de: Lino (1989), Figueiredo (1998), Labegalini (2003a, 2003b), Lobo, Perinotto e Boggiani (2008), Figueiredo, Rasteiro e Rodrigues (2010) e São Paulo (2010).

O PETeR que se localiza no município de São Domingos (GO), como já apresentado, possui um dos maiores conjuntos de Cavernas das Américas (GOIÁS, 2020). Ressalta-se que o Parque Estadual Terra Ronca não possui plano de manejo, contudo, há normas para visita dispostas na Portaria nº 222/2012, que estabelece normas para o ordenamento da visita do parque até a publicação do plano de manejo definitivo. Também há as Diretrizes para Visita em Unidades de Conservação, que orientam a

<sup>7</sup> Formações rochosas que ocorrem tipicamente no interior de cavernas como resultado da sedimentação e cristalização de minerais dissolvidos na água. Ver: TIBIRIÇA, Luciana Gonçalves. Espeleologia e Turismo: um longo caminho para conservação. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 7, n. 3, p. 134-148, dez. 2013.

utilização dos recursos bióticos e abióticos em diversos ambientes, inclusive as visitas às Cavernas.

Mesmo sem o plano de manejo, essencial para o planejamento do parque, a visita às cavernas consideradas de uso turístico (Tabela 2) possui diretrizes para serem seguidas e aprimoradas. É importante destacar que turismo ligado à natureza, aqui materializado na forma do ecoturismo, deve ter preocupações que cercam esse tipo de ambiente, a fim de assegurar a manutenção desse ambiente.

**Tabela 2** – Cavernas conhecidas (11/06/18) no estado de Goiás, na região de abrangência do PAN Cavernas do São Francisco, com regulamentação do uso turístico

| Canie                 | Caverna                          | Instrumento legal existente para o uso da caverna |
|-----------------------|----------------------------------|---|
| 009956.00404.52.19803 | Lapa Angélica                    | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |
| 010123.00524.52.19803 | Lapa da Terra Ronca II - Malhada | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |
| 010137.00534.52.09408 | Lapa do São Bernardo - Palmeiras | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |
| 019909.00542.52.09408 | Lapa do São Bernardo II          | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |
| 010092.00509.52.19803 | Lapa do São Mateus II / Imbira   | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |
| 018194.00549.52.19803 | Lapa do São Mateus III           | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |
| 010039.00475.52.19803 | Lapa Terra Ronca I               | Portaria SEMARH nº 0222/2012                      |

Fonte: Cavalcanti, Lima e Oliveira (2018).

Uma das cavernas abertas para visita no PETeR que chama a atenção pela sua beleza e diversidade de espeleotemas é a Caverna Terra Ronca I (Figura 4), onde

[...] as paredes externas são mais ou menos planas e a boca tem a forma aproximada de um arco pleno, semelhante a um gigantesco arco do triunfo. Mesmo não sendo o mais alto pórtico de entrada de cavidade subterrânea no Brasil (o pórtico dos Brejões na Bahia tem 106 m de altura), seus 90 m de altura impressionam o visitante (DELPHIN, 2010, p. 176).

**Figura 4** – Caverna Terra Ronca I



Fonte: Aguiar, 2018.

|Paulo Roberto Ferreira de Aguiar Junior | Ivanilton Jose de Oliveira|

A paisagem do caminho perseguindo as águas do rio da Lapa faz com que cenários “alienígenas” nos sejam apresentados. A entrada de luz natural se esvai conforme adentra-se a caverna. O salão dos Namorados impressiona ao mesmo tempo em que a correnteza do rio fica mais forte. O teto, como aponta Delphin (2010, p. 178) possui duas claraboias provavelmente dolinas, surgidas do desabamento da abóboda.

A outra caverna para uso turístico apontada pela Portaria nº 222/2012 é a Caverna Angélica (Figura 5):

**Figura 5** – Caverna Angélica.



Fonte: Aguiar, 2018.

Já na sua entrada, a caverna Angélica apresenta uma diversidade de espeleotemas que impressiona o visitante. Além dos espeleotemas, há também uma “praia” de areias claras, sobre as quais goteja a solução de carbonato de cálcio. Delphin (2010, p. 178) chama a atenção para “a beleza da obra da natureza nas cavidades subterrâneas dessa caverna”. Outra paisagem que se destaca é o Salão dos Tubarões, uma boca com dentes afiados abertos para os visitantes.

Angélica também proporciona, em uma de suas seções, com o auxílio de iluminação, a sensação de que há torres calcárias sob a água e de grande profundidade, contudo, é lâmina de água do pequeno lago. A iluminação é que propicia essa sensação.

A beleza dessas duas cavernas, bem como a diversidade de espeleotemas (Figura 6), as tornam as cavernas mais visitadas do PETeR, mesmo que não se possa quantificar, pois

não há registro de entrada para as cavernas. Essa informação é coletada com os condutores locais.

**Figura 6 – Espeleotemas.**

| Cavernas      | Espeleotemas  | Características   | Foto   |
|---------------|---------------|---|--|
| Angélica      | Estalactites  | Formações que pendem do teto verticalmente  |    |
| Terra Ronca I | Estalagmites  | Parte das gotas que caem das estalactites acumulam-se no chão e, assim, elas “crescem” em direção ao teto |   |
| Terra Ronca I | Escorrimentos | Formadas quando a água corre em uma fratura, permitindo a formação de figuras em formatos variados        |  |
| Angélica      | Cortinas      | Formadas como um escorrimento quando o teto é inclinado   |  |
| Angélica      | Coluna        | Quando a estalactite e as estalagmites se encontram e formam uma forma “única”.                           |  |

Elaboração: Aguiar Jr., 2020. Fotos: Aguiar Jr. e Barros, 2018.

As duas cavernas citadas são exemplos de diversidade, geoformas oriundas de formações calcárias e exploradas pelo ecoturismo. Ambas possuem um ambiente propício para discussões acerca de conservação ambiental e sustentabilidade, suscitando, assim, no visitante, a importância de cuidar de paisagens como estas, pois é por meio dessas “viagens” que o ecoturismo promove a geração de renda local, pois os condutores são todos moradores do município de São Domingos (GO).

## DISCUSSÃO

Os trabalhos voltados para a discussão acerca do turismo ligado à natureza que exploram as cavernas como recursos turísticos são inúmeros e muitos deles estão preocupados com os impactos negativos que essa atividade pode promover, tais como alteração da atmosfera, como apontam Rocha e Galvani (2018). Também, há a preocupação com os espeleotemas, geoformas sensíveis e que demoram para se formar, mesmo que seja bastante variado o tempo de formação. De acordo com o CPRM (2020), este pode ser de 6 a 25 mm por século.

Tibiriçá (2013) chama a atenção para a infraestrutura que se pode atribuir a espaços das cavernas, para atender o turismo, podendo essas instalações serem inadequadas ao ambiente. Oliveira e Spoladore (2009) também chamam a atenção para problemas como: contaminação de água por compostos químicos, biológicos e físicos, além de compactação de solo, poluição sonora, entre outros.

Em relação a esse elemento para o desenvolvimento do ecoturismo em cavernas, no Parque Estadual Terra Ronca (GO), não fora encontrada infraestrutura que oportunize o desenvolvimento deste segmento turístico. Falta de sinalização, bem como pontos de apoio para o ecoturístico, oferecem riscos não só para o espaço, mas também para a consolidação do PETeR como produto que consiga convergir conservação ambiental, geração de renda e educação ambiental que são a tríade do Ecoturismo.

Assim, a atividade turística nas cavernas, principalmente aquelas que não possuem orientações – como portarias e plano de manejo (aquelas que estão em Unidades de Conservação) – deve ser conduzida com orientações específicas, que extrapolem aquelas voltadas para o ecoturismo, por exemplo. Carvalho (2005) promove um debate acerca do turismo no bioma Cerrado, que deve ser cercado de cuidados para que as preocupações com a degradação ambiental e a comunidade local não sejam um empecilho para o desenvolvimento do turismo. Desse modo, o ecoturismo deve se desenvolver de forma a atender seus princípios, para assegurar um gerenciamento turístico de alta qualidade.

Vale ressaltar que o Plano de Manejo emergencial proposto para o PETeR é algo paliativo e que também não engloba a complexidade e as nuances da atividade ecoturística, pois há especificidades nesse ambiente que devem ser levadas em consideração, como, por exemplo, informações acerca dos espeleotemas. Vale ressaltar que ambas as cavernas, Terra Ronca I e Angélica, possuem cenários deslumbrantes e formas que permeiam o imaginário sobre cavernas.

Outro aspecto que deve ser considerado para a discussão sobre a utilização das cavernas como atrativo turístico é que o turismo praticado nesses ambientes é de baixo impacto. Os turistas que buscam conhecer esses cenários são chamados de turistas alternativos, contrários ao turismo de massa que muitos autores citam. É importante destacar essa diferença, visto que os espaços consumidos pelos turistas de massa geralmente são aqueles que têm grande destaque na *mass media*.

Assim, os espaços turísticos construídos ao longo da história são espaços distantes desse mundo “alienígena” cavernícola, que, na opinião de Lobo e Boggiani (2013), devem ser consumidos pelos turistas e esse bem (as cavernas) deve ser utilizado para projetos ambientais. Isso coaduna com os preceitos ecoturísticos, cabendo lembrar que as cavernas possuem diversas formas de patrimônio, na sua maioria pelo valor paisagístico, e, desta forma, “não podem vir a ser enquadradas exclusivamente como patrimônio geológico” (LOBO; BOGGIANI, 2013, p. 197).

## CONCLUSÃO

Não há como pensar que o turismo não consolida determinados espaços em detrimentos de outros e que esses não são ponderados mediante imagens que influenciam o fluxo turístico a um destino. Kajihara (2010), ao analisar material da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) da década de 1970, observa que o Brasil foi divulgado sob três grandes focos: a cidade do Rio de Janeiro, o carnaval e a mulher brasileira. Assim, pode-se entender a gênese do desenvolvimento do turismo nacional e qual segmento se pretendia com a divulgação do País do Carnaval, qual seja, o turismo litorâneo. Para Kajihara (2010, p. 7), as imagens ligadas a esse evento sempre o transmitiam como algo com “muito calor humano, frenético, com muitas cores, sensualidade e efervescência”.

Diante do interesse de se explorar a ideia da mulher brasileira sensual, percebe-se que não houve esforços em diversificar a matriz do turismo brasileiro, permanecendo, assim, o litoral como o principal e/ou único destino turístico divulgado. Contudo, com os discursos ambientais, principalmente a partir da década de 70 do século XX, o Brasil

começa a investir em novos espaços turísticos, tanto que “incentivou o Programa de Municipalização (PNMT), o Programa Nacional de Ecoturismo e estudos sobre o fluxo turístico internacional” (ALFONSO, 2006, p. 69), o que impacta no ecoturismo, reverberando nas atividades desenvolvidas nas Unidades de Conservação.

Desta forma, a partir das últimas décadas do século XX, novos espaços foram sendo produzidos e alcançando *status* de destinos ecoturísticos. Entre os atrativos e recursos ecoturísticos ligados à natureza estão as cavernas tidas como um ambiente “alienígena” para muitas pessoas. Tal fato fez com que o ecoturismo intensificasse o uso dessas formas de relevo, aumentando ou, em outros casos, iniciando sua visitação.

Os ambientes cavernícolas, extremamente sensíveis, integram o escopo das Unidades de Conservação do Parque Estadual Terra Ronca (GO), assim como outras geoformas no bioma Cerrado. Assim, a utilização tanto do bioma Cerrado como das cavernas para atividades ecoturísticas deve ser bem planejada e devidamente orientada por legislação específica para o uso turístico. Esse tipo de projeto é essencial para a consolidação de espaços destinados ao ecoturismo como o Parque Estadual Terra Ronca - PETeR.

No estado de Goiás, o bioma Cerrado possui cavernas para uso turístico, entre as quais se encontram as do Parque Estadual Terra Ronca, localizadas em uma Unidade de Conservação que não possui plano de manejo, e sim apenas uma Portaria, a de nº 222/2012, que aponta quais cavernas são para uso turístico e como elas devem ser usadas.

Duas dessas cavernas são Terra Ronca I e Angélica, que apresentam geoformas diversas. A caverna Terra Ronca I possui o segundo pórtico do Brasil. A beleza cênica encontrada em ambas, propicia experiência ímpar. Contudo, a falta de infraestrutura ao turista põe não somente as cavernas em risco, mas também o bioma Cerrado, já tão degradado, visto que este é segundo bioma mais desmatado no Brasil. O parque possui uma importância muito grande para o município de São Domingos (GO), tanto que se cria o Fundo Nacional de Apoio à Região de Terra Ronca (Funter), previsto pela PLC nº 33/2018, com o objetivo de promover a economia, a cultura e o turismo da região, situada nos municípios goianos de São Domingos e Guarani de Goiás (BRASIL, 2020).

Tais ações convergem com a ideia de que o turismo, principalmente o ligado à natureza, proporciona grande contribuição ao crescimento econômico e ao desenvolvimento social, como assinala Furlan (2003). Ao balizar o ecoturismo como fator importante para geração de renda e conservação ambiental, aponta-se para a consolidação do trinômio que orienta essa atividade, qual seja: educação ambiental, conservação ambiental e geração de renda.

Ainda que o discurso ambiental em uma sociedade espetacularizada torne os elementos naturais um atrativo turístico, principalmente em unidade de conservação, há uma distância entre a conservação e a atividade do ecoturismo em si. Conforme já foi elencado neste trabalho, o bioma Cerrado possui fitofisionomias e geofomas diversas. Assim é o caso do Parque Estadual Terra Ronca (GO), que possui um dos maiores complexos de cavernas da América Latina e encontra-se em uma unidade de conservação, podendo ser explorada pela atividade turística.

O referido Parque possui um conjunto de cavernas, sendo que apenas algumas estão abertas à visitação, de acordo com a portaria 222/2012. Todavia, não há controle por parte do órgão oficial do estado de Goiás, a Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD). Na prática, o monitoramento das atividades turísticas fica delegado aos condutores, cabendo também a eles o trabalho de conscientização sobre a utilização de ferramentas de trabalho dos próprios condutores, como por exemplo, o capacete com carbureto, que costuma ser empregado durante a travessia nas cavernas. Além disso, não há, por parte dos órgãos responsáveis, um cronograma de capacitação em relação a procedimentos de condução, legislação ambiental, conservação ambiental etc.

Outro ponto de observação refere-se à falta de dados e informações como: quantitativo de turistas que visitaram o PETeR; quais cavernas foram frequentadas; se as viagens são organizadas por agências ou não; média de gastos por turista no município de São Domingos (GO) etc. Tais informações seriam de grande valia no planejamento da atividade ecoturística. Contudo, há forças para formular ações públicas com o intuito de explorar de forma sustentável os recursos naturais, como o Funter, que repercute de forma positiva na atividade do ecoturismo.

Oficialmente, a área do Parque Estadual Terra Ronca (GO) encontra-se demarcada, contudo, observa-se que não há infraestrutura necessária para atender às prerrogativas da atividade ecoturística. Por esse motivo, Aguiar (2019) afirma que o PETeR tem potencial para se transformar em um produto ecoturístico e ainda não o é.

Diante dos elementos levantados e apontados, conclui-se que o turismo sol e praia é muito explorado por parte de uma imagem estereotipada da mulher brasileira. Contudo, há uma mudança de perspectiva na produção espacial de novos destinos turísticos, principalmente baseado nos discursos ambientais, majoritariamente a partir da década de 70 do século XX. Discursos esses que foram apropriados pelos gestores da atividade turística para promover espaços turísticos baseados na natureza, como os desenvolvidos em Unidades de Conservação. Entretanto, tais espaços, explorados por um segmento de baixo

impacto – ecoturismo –, em parte não é gerido de forma sustentável, como é o caso do Parque Estadual Terra Ronca (GO). A falta de acompanhamento e gerenciamento no uso do PETeR põe em risco as fitofisionomias e geformas sensíveis à atividade humana, bem como, a falta de dados (econômicos) obtidos a partir da utilização por parte do ecoturismo, fazem com que não se possa aferir de forma objetiva o impacto na geração de renda da população local.

Os desafios são grandes e talvez o principal seja o cumprimento da legislação existente para a utilização das cavernas como produto ecoturístico, além do investimento necessário de capital humano e, ainda, o controle de acesso ao parque. Entretanto, mesmo diante dos desafios apontados, as perspectivas para o uso ecoturístico são positivas, visto que o ecoturismo é o segmento que mais cresce globalmente e pode, também, proporcionar um acréscimo de renda para população local, bem como contribuir com a conservação ambiental.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR JUNIOR, Paulo Roberto Ferreira. **Avaliação da potencialidade dos atrativos ecoturísticos do município de São Domingos, Goiás**. 2019. 77 f. Dissertação (Mestrado de Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

ALFONSO, Louise Prado. **Embratur**: formadora de imagens da nação brasileira. Campinas-SP: [s.n.], 2006.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2003.

BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **Vão do Paranã**: estruturação de uma região. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Goiânia: UFG, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Arte e Comunicação, 2018.

BRANDÃO, Ramón de Lima. **O automóvel no Brasil entre 1955 e 1961**: a intervenção na era JK. 2011. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARVALHO JÚNIOR, Osmar Abílio de et al. Ambientes cárticos. *In*: FLORENZANO, Teresa Galloti. **Geomorfologia**: conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. p. 185-213.

CARVALHO, Gisélia Lima. **Ecoturismo nos cerrados goianos**: do enfrentamento do discurso ao desafio da prática. Goiânia: Observatório Geográfico de Goiás, [2015]. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Carvalho\\_gis\\_lia\\_lima\\_ecoturismo\\_cerrado.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Carvalho_gis_lia_lima_ecoturismo_cerrado.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CECAV – Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas. **Cavidades naturais subterrâneas**. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/cecav/cavidades-naturais-subterraneas.html>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Turismo).

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELPHIN, Carlos Fernando Moura. Terra Ronca. **Revista UFG**, v. 12, n. 9, p. 169-183, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48331>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso Vaz de. Espeleoturismo e as contribuições da educação ambiental: aspectos históricos e relatos de experiências formativas no Brasil e no México. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 33., 2015, Eldorado. **Anais [...]**. Campinas: SBE, 2015. p. 697-710.

FURLAN, Sueli Ângelo. Ecoturismo: do sujeito ecológico ao consumidor da natureza. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 47-58.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **São Domingos**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/sao-domingos>>. Acesso em: 1. jul. 2020.

KAJIHARA, Kelly. A imagem do Brasil no exterior. Análise do material de divulgação oficial da Embratur, desde 1966 até os dias atuais. **Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica**, v. 5, n. 3, set. 2010.

LOBO, Heros Augusto Santos; BOGGIANI, Paulo Cesar. Cavernas como patrimônio geológico. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba, v. 70, p. 190-199, dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/31698>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **ICMBio**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A questão ambiental no Brasil 1960 – 1980**. São Paulo. IGEOG – USP, 1981.

NASCIMENTO, Maria Amélia Leite S. Geomorfologia do Estado de Goiás. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-22, dez. 1991.

NEIL, John; WEARING, Stephen. **Ecoturismo**: impactos, potencialidades e possibilidades. Barueri: Editora Manole, 2001.

NUNES, Cleane Santos. **Turismo e suas implicações socioambientais:** estudo do espeleoturismo e do turismo religioso em grutas calcárias no estado da Bahia. Disponível em:<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/17.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

OLIVEIRA, Alini Nunes de; SPOLADORE, Ângelo. Impactos ambientais decorrentes do turismo em cavernas de Ribeirão Claro/PR. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 30., 2009, Montes Claros-MG. **Anais [...]**. Montes Claros-MG: Sociedade Brasileira de Espeleologia, 2009.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. Turismo no Cerrado. **Revista UFG**, ano 12, n. 9, dez. 2010. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/09\\_Turismonocerrado.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/09_Turismonocerrado.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

NETTO, Alexandre Panosso; TRIGO, Luiz Conzaga Godoi. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009. (Séries Turismo).

ROCHA, Bárbara Nazaré; GALVANI, Emerson. **Microclima de cavernas**. Estudo microclimático das cavernas do Parque Estadual Intervales, SP. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço**. São Paulo: Nobel, 1996.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rigo Viana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. (Coleção Ciências Sociais).

TIBIRIÇÁ, Luciana Gonçalves. Espeleologia e Turismo: um longo caminho para a conservação. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 7, n. 3, p. 134-148, dez. 2013.

UNWTO – World Tourism Organization. Disponível em: <<https://www.unwto.org/es/unwto-tourism-dashboard>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

WALTER, Bruno Machado Teles; CARVALHO, Arminda Moreira de; RIBEIRO, José Felipe. O conceito de savana e de seu componente Cerrado. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de; RIBEIRO, José Felipe. **Embrapa Cerrados**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. p. 21-45. v. 2.

### Como citar este artigo:

#### ABNT

AGUIAR JUNIOR, P. R. F.; OLIVEIRA, I. J. Do litoral ao bioma Cerrado: as cavernas do Parque Estadual Terra Ronca (GO) como atrativo ecoturístico. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, e202030, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202030>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

#### APA:

Aguiar Junior, P. R. F.; & Oliveira, I. J. (2020). Do litoral ao bioma Cerrado: as cavernas do Parque Estadual Terra Ronca (GO) como atrativo ecoturístico. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, e202030. Recuperado em 25 janeiro, 2020, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202030>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2020, Universidade Federal do Maranhão.

